

# WALDO MOTTA: POESIA, CRÍTICA E PROBLEMA<sup>1</sup>

---

## WALDO MOTTA: POETRY, CRITICISM AND PROBLEM

Rodrigo Leite Caldeira\*

RESUMO: O objetivo deste artigo é fazer um mapeamento das zonas de tensões surgidas à luz da obra poética de Waldo Motta.

PALAVRAS-CHAVE: Waldo Motta. Poesia. Crítica e interpretação.

ABSTRACT: This article aims at mapping the tensions risen in light of the poetic work of Waldo Motta.

KEYWORDS: Waldo Motta. Poetry. Criticism and interpretation.

**W**aldo<sup>2</sup> Motta “é um problema literário. Imagino,” temeroso em afirmar minha certeza, que esse plágio inicial, angústia de minha ignorância, seja o sustentáculo deste artigo, pois nele procurarei, a partir de uma leitura dialética entre os poemas waldianos e a

---

<sup>1</sup> CALDEIRA. Rodrigo Leite. Waldo Motta: poesia, crítica e problema. *Contexto*, Vitória, n. 15-16, p. 334-345, 2008/2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6643/4876>>. Acesso em: 22 maio 2024.

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

<sup>2</sup> Uso aqui a grafia que o autor utilizou na assinatura do seu último livro *Recanto – poema das 7 letras*. Vitória: Ímã, 2002. Pois como o mesmo atesta em seu site (<http://www.waldomotta.cjb.net/>) assim o fará em suas próximas obras.

fortuna crítica sobre eles, pontuar as zonas de tensões surgidas à luz de sua poética, que, como veremos, pela singularidade do tema atual se nos apresenta como um problema. Podemos dividir este problema em três fases interligadas aos seus livros da seguinte forma:

a) uma 1ª fase que vai do final dos anos 70 até o ano de 1984 com a publicação dos livros *Pano Rasgado* (1979), *Os Anjos Proscritos e Outros Poemas* (1980, em parceria com Wilbett R. Oliveira), *O Signo na Pele* (1981), *Obras de Arteiro* (1982), *As peripécias do Coração* (1982) e *De Saco Cheio* (1983), todos em edições autorais ainda vinculados à cultura dos anos 70 da poesia mimeógrafo, onde o problema aqui é da ordem da subtração; de uma literatura feita ao calor das emoções, sem o crivo necessário para consolidá-la. Faz-se poesia numa tentativa brusca de mudanças sociais, políticas e amorosas, utilizando-se da palavra apenas como um artefato de guerra, valendo muito mais o que se quis dizer do que como se disse, perdendo, deste modo, a força poética advinda sobretudo do labor meticuloso sobre as palavras, ou, como quer o próprio poeta, este período se destaca por “um ciclo muito frego e pensamento rarefeito, alguma pretensão e certa ingenuidade (ilusões políticas, amorosas, essas coisas)”<sup>3</sup>, donde o poema surge quase num ato epifânico, de modo espontâneo:

Quase que à revelia de mim  
vão-se-me brotando palavras,  
como seres incorpóreos animados.

A minha vontade é um pastor distraído  
que por acaso e por estar está ali,  
e com apenas estar por estar  
vai tangendo sem tanger o rebanho heterogêneo de palavras  
agregando-as de modo que constituam  
uma interpretação de fatos, uma idéia, uma dor  
existentes em mim, gestante, que me engravidara  
pelos gametas das circunstâncias<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> MOTTA, Valdo. “Saída para dentro (Introdução)”. In.: *Transpaixão*: coletânea. Vitória: Kabundo, 1999, p. 7.

<sup>4</sup> Idem, *Eis o homem*: poemas selecionados 1980/1984. Coletânea. Vitória-ES: Fundação Ceciliano Abel de Almeida - Universidade Federal do Espírito Santo, 1987, p. 21.

O poeta torna-se o “pastor distraído” que “por acaso” agrega as palavras, este “rebanho heterogêneo”, de modo que lhe sirvam como intérpretes de fatos, idéias e dores que lhe “engravidam”. Esta analogia ao poema como sendo fruto de algo engendrado no interior corpóreo do poeta é corrente nesta primeira fase. O poema que a melhor realiza é “Poemas cambiantes” onde o poeta após sete estrofes que podem ser lidas como um todo, mas também, como o próprio título sugere, sendo cada uma um poema cambiante, de cor indistinta, fecha o poema com estes seis versos:

Só porque escrevo  
sinto esvair-se  
o que me enchera.

A esferográfica  
é como se  
me ordenhasse<sup>5</sup>.

Contudo, se pontuamos os aspectos acima descritos como o menos na poesia waldiana, não podemos deixar de salientar que são poemas que assumem feições comuns aos de seus contemporâneos. Flora Süssekind, analisando a produção literária dos anos 70 e 80, observa que a característica comum aos poetas deste período era o aspecto confessional de suas obras. Onde “as vivências cotidianas do poeta, os fatos mais corriqueiros [...] constituirão a matéria da (sua) poesia”<sup>6</sup>. Com Waldo Motta não dá-se diferente. Nele, também, onde se lê poesia, leia-se

<sup>5</sup> Idem., p. 17.

<sup>6</sup> SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. 2ª ed. revista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 115. Destacando a figura do leitor como cúmplice do autor, Süssekind destaca: “A sensação do leitor é meio a de quem violasse correspondência alheia ou abrisse de repente o diário de alguém e, começando a lê-lo, percebesse estranhas semelhanças com o seu próprio cotidiano não escrito, vivido apenas. E, para obter esse efeito de reconhecimento imediato, essa resposta direta, foi preciso que o texto poético começasse a dialogar cada vez mais com os media e menos com o próprio sistema literário, cada vez mais com o alinhavo emocional do diário, com o instantâneo, com o registro, em *close*, da própria geração. [...] E é entre referências cada vez mais freqüentes ao universo da televisão, da propaganda, dos quadrinhos, dos jornais populares, canções de sucesso e o detalhado relato do que se passa na rua, no cotidiano desses poetas sempre em trânsito que se vai estabelecer um novo tipo de pacto, menos literário e mais confessional, com o leitor” (p. 125-126). Se excedo na citação é para observar que na poética waldiana, embora haja o tom confessional, não localizo nela o diálogo com os media tão fortemente. Algo que ocorre com maior freqüência em Sérgio Blank, poeta capixaba contemporâneo a Waldo.

vida. O eu lírico está ali, a todo momento, num colóquio com o leitor; dando ciência do seu dia-a-dia, trazendo-o para a sua vivência. Daí Sússekind comparar estes livros aos diários. São livros que colocam o leitor em dia com a vida do poeta. Exemplo disso é “Devaneio no ônibus”, onde o leitor é levado, pelos olhos do poeta que “borboleteiam”, ao interior de um ônibus na hora do *rush*:

Meus olhos borboleteiam  
no interior do ônibus  
a pousar de um a outro  
par de coxas dos peões  
que voltam do trampo, os corpos  
viscosos de poeira e suor

O rude pano dos uniformes  
atiça-me a imaginação,  
assanha-me a libido e sonho-me  
a língua a recolher o sal de um corpo  
moreno e musculoso sob a parca  
luz de uma lâmpada de 40 volts  
ou de uma candeia a querosene  
numa caxanga suburbana;

e sonho mil peripécias,  
estrepolias de amor,  
a prospecção completa  
um do outro, até que ambos  
estejamos lambuzados  
e que, assim, nossos corpos saibam  
a sal e sangue e baba e porra<sup>7</sup>.

Reparem que o grau confessional do autor transcende o vivido para se abrir, sem meias palavras, ao sonho, aspiração por demais íntima.

b) a 2ª fase seria vinculada ao livro *O Salário da Loucura* (1984). Quem conhece minimamente a obra poética do autor certamente discordará desta minha divisão, pois sabe que em termos literários o *Salário da Loucura* apenas fecha o “ciclo muito fregue” acima descrito, sendo ele mesmo a melhor expressão do período. Então por que destacá-lo desse conjunto de “pensamento rarefeito”? Pelo simples fato de que seu prefácio inaugura o problema da *adição* em sua poesia. Escrito pela professora Deny Gomes é a primeira inserção da obra waldiana – em certa

<sup>7</sup> MOTTA, *Eis o homem...* p. 20.

medida – no meio acadêmico. Portanto, a *adição* aqui proposta como problema seria a da legitimação inerente que pressupõe qualquer texto escrito por pertencentes ao “reino dos saberes”. Deny Gomes, *persona grata* aos jovens literatos capixabas por seus trabalhos desenvolvidos na Universidade Federal do Espírito Santo<sup>8</sup> onde à época figurava como “Professora de Teoria da Literatura e Coordenadora de Literatura da Sub-Reitoria Comunitária da UFES”<sup>9</sup>, diz em seu texto “algumas coisas”, “não no preito de admiração ao jovem vate mateense”, muito menos usando “recursos da dissertação teórica avançadinha que, muitas vezes, cheia de modismos ‘liberais e progressistas’ escamoteia preconceitos e/ou falta de honestidade intelectual e humano”, mas “com o (seu) sentir, com (sua) cabeça, com (sua) perplexidade e respeito pelo jeito de ser e pela atividade artística do autor”<sup>10</sup>. E o fez muito bem. Adicionou à obra waldiana pré-*Bundo* um *ethos* que, embora o próprio autor desdiga hoje, numa clara intenção de que voltemos os olhos para seu *Bundo*, não pode ser desvinculado de modo algum do seu projeto poético, muito menos omitido de qualquer análise. Daí a

<sup>8</sup> Sobre a importância de Deny Gomes neste período Reinaldo Santos Neves em seu *Mapa da Literatura Brasileira feita no Espírito Santo* assim se expressa: “Fatores paralelos contribuíram para que a década de 80 visse um despertar da atividade literária no Espírito Santo, mais especificamente em Vitória. Um deles foi a realização de uma série de oficinas literárias pela professora Deny Gomes, das quais participaram alunos de Letras e jovens da comunidade interessados no ofício da literatura. Esse projeto, que teve seu embrião no I Seminário de Produção do Texto Literário, promovido em 1981 pela Coordenação de Literatura (dirigida por Deny Gomes) da Sub Reitoria Comunitária da Ufes, e que se institucionalizou a partir de 1982 como projeto da Sub-Reitoria e do Departamento de Línguas e Letras da Ufes, deixou pelo menos três registros impressos nessa década: *Ofício da palavra* (1982), contendo trabalhos realizados durante o Seminário de 1981, *Traços do ofício* (1983), contendo textos de oficina literária realizada em 1982, e *Toques* (1984), contendo textos de uma oficina de poesia realizada em 1984. Três dos “graduados” da oficina literária de 1982 — Francisco Grijó, Paulo Roberto Sodré e Valdo Motta — vão ser encontrados, mais tarde, na Coleção Letras Capixabas da FCAA”. Cf. “A época áurea: os anos 80”. In.: NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da Literatura Brasileira feita no Espírito Santo*. Disponível em <http://www.estacaocapixaba.com.br/texto/texto.php?id=223>, acessado em 21/10/2006.

<sup>9</sup> Essa titulação inscrita abaixo do seu nome ao final do prefácio, além da legitimação já dita, destaca-se se observarmos a estrutura física da 1ª edição do livro feita de modo artesanal e longe dos padrões estéticos dos livros produzidos pela Universidade. Deste modo a legitimação da prefaciadora dá-se diretamente no *habitat* natural da poesia marginal, não ferindo a lógica não-mercadoológica das edições caseiras, como no caso da antologia *26 poetas hoje* organizada por Heloísa Buarque de Hollanda em 1975 com poetas marginais do Rio de Janeiro.

<sup>10</sup> GOMES, Deny. “Prefácio”. In.: MOTTA, Valdo. *Eis o homem: poemas selecionados (1980-84)* Coleção Letras Capixabas. Vol. 30. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida - Universidade Federal do Espírito Santo, 1987, p. 99.

necessidade dessa revisão histórico-literária que faço. Para aferir o valor daquele prefácio destaco alguns pontos levantados pela autora que de certa maneira dialogam com a crítica atual, tais como: o “enfrentamento de contradições” da obra que suscita espanto em leitores e críticos mais sensíveis; as contradições de ordem pessoal do autor: tímido/ arrogante, sutil/escrachado, fechativo/desafiador; “linguagem que é deliberadamente a expressão de suas contradições sociais: ora formal, quase clássica, dentro dos parâmetros da norma culta; ora brutalmente grosseira, cheia de neologismos pessoais ou de expressões codificadas no meio dos homossexuais” e “a visão crítica, o humor amargo de quem participa da minoria discriminada mas que não a erige como detentora do monopólio do sofrimento humano nem a sacraliza como agrupamento corporativista intocável”<sup>11</sup>.

Em conformidade com os apontamentos feitos por Deny Gomes, Francisco Aurelio Ribeiro foi, digamos, o segundo nesta equação de adição da crítica à obra waldiana. Primeiro em *A modernidade das letras capixabas* (1993) e depois em *A Literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica* (1997), onde vai reafirmar as considerações feitas por Deny Gomes acrescentando-lhes dois outros aspectos: o 1º aspecto seria a partir dos poemas que versam sobre a homossexualidade masculina. Para Ribeiro, por não serem poemas que tratam do tema de modo alienado e por serem uma marca da pós-modernidade, é neles que “está o melhor de sua poesia e da poesia contemporânea ao retratar um tipo de vida quase ignorado pela poética tradicional. A ironia ao extremo, a auto-ironia, a irreverência, o deboche, o experimentalismo, o culto do corpo, o hedonismo, o consumo de drogas, a marginalidade [...]”<sup>12</sup>. O 2º aspecto seria que a poesia waldiana estaria incluída em uma tripla periferia: a geográfica, a

---

<sup>11</sup> Idem., pp. 99-102.

<sup>12</sup> RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A modernidade nas letras capixabas*. Vitória: UFES – SPDC/FCAA, 1993, p. 184-185.

cultural e a de minoria, no caso dele também tripla: negro, pobre e homossexual<sup>13</sup>.

c) a 3ª fase<sup>14</sup> inicia-se em 1996 com a publicação do livro *Bundo e outros poemas*<sup>15</sup>. Entendo que o problema aqui é da ordem da *divisão*, pois se na fase anterior a crítica apenas adiciona à obra waldiana um status legitimador em âmbito local, a partir de *Bundo* a legitimação da crítica figurará lado a lado com o texto poético, por vezes sendo o único elo entre o poeta e um público maior. Neste sentido, refiro-me em especial ao ensaio de Iumna Maria Simon publicado em 1999 na revista *Praga*<sup>16</sup>. Este ensaio foi o divisor de águas no entendimento da obra waldiana, pois, além de destrinchar a poética inovadora dos poemas reunidos em *Bundo*, fez um pequeno esboço sobre a obra precedente do autor, situando e acalmando os ânimos daqueles que ainda deglutiam a duras tragadas os versos do “sodomita místico do Espírito Santo”<sup>17</sup>. Iumna foi e ainda é a única

<sup>13</sup> Cf. RIBEIRO, Francisco Aurélio. *Literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*. Vitória: Nemar, 1996, p. 67.

<sup>14</sup> Por acreditar que não figura em nenhuma das três fases por mim sugeridas, excluo propositalmente o livro *Poiezen* de 1990.

<sup>15</sup> MOTTA, Valdo. *Bundo e outros poemas*. Coletânea reunindo poemas dos livros *Waw* e *Bundo*. Organização: Iumna Maria Simon e Berta Waldman. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

<sup>16</sup> SIMON, Iumna Maria. “Revelação e desencanto – os dois livros de Valdo Motta”. In.: *Revista Praga (estudos marxistas)*. São Paulo: Hucitec, n. 7, p. 69-99, março 1999. Sobre o impacto que provocou este ensaio no meio crítico-literário acho salutar as palavras proferidas por Roberto Schwarz acerca da obra de Valdo Motta a partir da leitura do texto de Iumna: “Um trabalho que acho admirável e não teve repercussão nenhuma é o ensaio de Iumna Simon, que saiu na revista *Praga* nº 7, sobre a poesia de Valdo Motta. Ele é um poeta negro do Espírito Santo, homossexual militante, muito pobre e dado a especulações teológicas. É uma poesia que toma o ânus do poeta como centro do universo simbólico. A partir daí, mobiliza bastante leitura bíblica, disposição herética, leitura dos modernistas, capacidade de formulação, talento retórico e fúria social. O ponto de vista e a bibliografia fogem ao corrente, mas o tratamento da opressão social, racial e sexual não tem nada de exótico. [...] Para fazer justiça ao poeta, que é perfeitamente contemporâneo, ela teve que se enfronhar em áreas que desconhecia e, sobretudo, compará-lo a seus pares, refletir sobre a sua inserção na cultura atual e tirar as conseqüências estéticas que cabem. É de trabalhos assim - sem desmerecer outras linhas possíveis - que a crítica depende para recobrar vitalidade e estar à altura da realidade.” Cf. “Um crítico na periferia do capitalismo - Entrevista com o ensaísta e crítico literário Roberto Schwarz”. Por Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura. In.: <http://www.universia.com.br/ma/teria/materia.jsp?materia=3668>. Acessado em 03/10/2006.

<sup>17</sup> MORICONI, Ítalo. “Pós-modernismo e volta do sublime na poesia brasileira” In.: *Poesia hoje*. Organização: Celia Pedrosa, Cláudia Matos e Evando Nascimento. Niterói: EDUFF, 1998, p. 17. “Para fazer o contraponto com a poesia atual, destacando algum nome dos anos 90 para

que soube dividir os outros poemas de *Bundo*. Em seu ensaio distingue com sabedoria a poesia de *WAW* como uma “busca de autoconhecimento”, um esboço da religião e sistema de salvação que será armado como doutrina em *Bundo*, ao mesmo tempo em que reconhece em *WAW*, “livro mais irregular e variado [...], menos acabado enquanto arquitetura e sistema expressivo”, a maior quantidade de bons poemas e “verdadeiras obras-primas”<sup>18</sup>. A este ensaio quero acrescentar outros dois: um de Raul Antelo, “Não mais, nada mais, nunca mais. Poesia e tradição moderna”<sup>19</sup> e outro de Miguel Sanches Neto, “Poesia e as subculturas do gosto”<sup>20</sup>. O ensaio de Antelo, publicado em 1998, portanto antes de Iumna publicar o seu, destaca-se, sobretudo, pela erudição do autor que evidentemente destoa do “coloquialismo elevado”<sup>21</sup> dos poemas de *Bundo*. Nele, Antelo associa os poemas de Waldo – com especial atenção ao “Ave, pedra dos escândalos,”<sup>22</sup> – a grandes nomes da literatura mundial, o que confere à sua obra um caráter universalista, furtando-lhe, desse modo, a “marginalidade periférica” sugerida anteriormente por Francisco Aurelio Ribeiro. Partindo da análise do poema em italiano de Murilo Mendes “Rapporto di Édipo”, passando pelo aforismo de *O discípulo de Emaú*: “Deus não é somente fim – é também centro”, Antelo desemboca nas “escrituras pós-poéticas” de Waldo Motta de “Ave, pedra dos escândalos,” para em seguida correlacioná-la à narrativa borgiana de “A aproximação a Almotassim”. Como num texto barroco, em constante elipse, Antelo vai correlacionando textos das verves mais diversas à primeira vista, como por exemplo ao associar a “centralidade corporal” contida nos poemas de *Bundo* a “certas figurações modernistas, ‘sociológicas’, da origem brasileira, a teoria do

---

juntarmos ao de Piva, creio que não há ninguém melhor que Valdo Motta, o sodomita místico do Espírito Santo [...]”.

<sup>18</sup> SIMON, op. cit., p. 94.

<sup>19</sup> ANTELO, Raul. “Não mais, nada mais, nunca mais. Poesia e tradição moderna”. In.: *Poesia hoje*. Organização: Celia Pedrosa, Cláudia Matos e Evando Nascimento. Niterói: EDUFF, 1998.

<sup>20</sup> NETO, Miguel Sanches. “Poesia e as subculturas do gosto”. Em <http://www.revistaagulha.com.br/msanches13.html>. Acessado em 03/10/2006.

<sup>21</sup> SIMON, op. cit., p. 98.

<sup>22</sup> Em um grande número de poemas de *Bundo* não há a inscrição de título. Valho-me aqui, portanto, do primeiro verso do poema localizado à página 43.



puito macunaímico mas também a da geração a partir da interferência de um espírito maligno, tutelar dos peixes, *uauíara*, como narra a rapsódia de Mario de Andrade a partir de Couto de Magalhães<sup>23</sup>; ou pensando em *Casa-grande & Senzala*, no “enigma original da couvade, que não só aponta na direção de uma bissexualidade difusa entre os indígenas [...], mas também nos propõe uma explicação nominalista, já que, por exemplo, *ovo* e *pai*, em Bakaiiri, têm igual derivação<sup>24</sup>. Em claro contra-senso de análise, Neto, a partir do entendimento de que “a poesia pós-moderna está fundada num princípio de exclusão”, onde a exclusão não ocorre “apenas por sua linguagem rarefeita ou galvanizada (...) mas principalmente por representar uma especialização muito intransigente do gosto”, vai polemizar sobre a poética waldiana. Sua crítica reside principalmente no fato de que a poesia em Waldo Motta está a serviço dos seus interesses pessoais e grupais, sendo moldada de acordo com “as suas opções existenciais”, onde

em uma grande confusão de símbolos, operando rudimentos de culturas tão díspares quanto a afro-brasileira e a hebraica, entre outras, faz uma leitura homossexual da bíblia. Atualizar algumas passagens dos textos sagrados, numa tentativa desesperada de dar legitimidade sacra à sua preferência erótica é pretexto para um exercício escatológico gratuito. Indignado pelo fato de na cultura ocidental o homossexualismo ter passado como o amor que não ousa dizer o nome, ele transforma os seus poemas numa girândola de palavrões. A sua agressividade lexical está aliada a uma visão esotérico-apocalíptica que nos faz corar, não pelos termos chulos, mas pela ingenuidade do autor<sup>25</sup>.

<sup>23</sup> ANTELO, op. cit., p. 33.

<sup>24</sup> Idem, p. 34.

<sup>25</sup> NETO, op. cit., § 9. O autor continua parágrafos à frente: “*Bundo* é um livro monotonamente exibicionista em que o autor vê tudo pelo prisma do amor masculino. É obra para circular entre pares, simpatizantes e interessados, em que o autor confunde projeto político de vida com poesia. [...] Embora o autor consiga ser o que escreve, o que escreve não consegue ser poesia. [...] Na grande maioria dos poemas, para agravar, a transgressão buscada por Waldo Motta não consegue passar de agressão, fruto da pior de todas as pragas: a intransigência”. Se Neto errou limitando sua análise a uma leitura exclusivista do tema relegando ao segundo plano o valor literário da obra, penso que a classificação por ele dada de “poesia da exclusão” para as obras de cunho homoerótico possa ser utilizado para pensarmos que com a ascensão e legitimação a olhos vistos na literatura brasileira hoje de autores como Glauco Mattoso, Antônio Cícero e Waldo Motta, a mulher que antes sofrera o abandono literário por conta de uma cultura falocêntrica tende a permanecer à margem ainda por mais algum tempo. Neste sentido a obra de Waldo é reveladora, pois o feminino é algo praticamente inexistente. Em sua doutrina da gnose anal escatológica e apocalíptica a mulher, quando muito, “é um homem ao avesso” que “Amorosamente se destroem/

Embora diga que sua postura enquanto crítico não é preconceituosa, seu texto assume claramente um tom homofóbico, pois, para embasar ainda mais seus argumentos, destila palavras contra o poeta Antônio Cícero e ironicamente acha “significativo” de que *Bundo* e *Guardar* (livro de Cícero) “sejam apresentados, respectivamente, por José Celso Martinez Correia e Silvano Santiago”. Sem entrar no mérito da segregação intelectual, penso que o erro maior de Neto foi pensar pejorativamente a poética waldiana como uma doutrina “esotérico-apocalíptica” de cunho estritamente engajado. Como bem definiu Deny Gomes, sua poesia de modo algum se “erige como detentora do monopólio do sofrimento humano nem sacraliza como agrupamento corporativista intocável”<sup>26</sup>. Concordo com Iumna quando propõem que isto, que a Neto soa como um engajamento *stricto sensu*, “ao invés de denunciar os ardis da metafísica e do idealismo integra um espécie de metafísica homossexual produzida nas bárbaras condições do antagonismo social brasileiro, hoje acentuadas pela desintegração globalizada”<sup>27</sup>, onde para o poeta resta apenas a poesia como “meio de se vingar da experiência da desagregação, inclusive das marcas mais opressivas do cotidiano, cuja crônica ele a faz em plano estético distanciado e impessoal”<sup>28</sup>.

Também nesta equação de divisão do mérito entre a própria poesia do *Bundo* e sua crítica, acrescenta-se a produção narrativa do autor contida no prefácio ao *Bundo* e no polêmico ensaio “Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu” publicado em 2000 no livro *Mais poesia hoje*<sup>29</sup>. No primeiro, Waldo se apresenta ao grande público, fazendo um breve histórico de sua formação e

---

e geram frutos perecíveis”. Percebam que a própria natureza feminina da procriação vai de encontro à visão apocalíptica almejada pelo poeta. A mulher não mais intermedeia, a relação é direta entre Pai e Filho, pois elas “Destroem a figueira sagrada/ e depredam a vinha santa/ em sua feroz concupiscência/ devastam o pomar celestial”.

<sup>26</sup> GOMES, op. cit., p. 102.

<sup>27</sup> SIMON, op. cit. p. 90.

<sup>28</sup> Idem, p. 72.

<sup>29</sup> Cf. MOTTA, Valdo. “Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu”. In. *Mais poesia hoje*. Organização: Célia Pedrosa. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 59-76.

deixando no ar algumas dicas dos interstícios de sua poética. No segundo, Waldo vai teorizar o que foi pretendido em *Bundo*. E é neste sentido que penso que propôs para si um grande problema: o de como dar continuidade ao projeto poético iniciado em *Bundo* sem limitar sua expressão poética a um tema, tornando-a enfadonha e repetitiva. Desde a publicação de *Bundo* até hoje vão-se mais de dez anos de um ostracismo poético<sup>30</sup> apenas interrompido pelo *Recanto* que está longe de representar uma continuidade à doutrina poética pretendida e anunciada como verdade. Esperamos que este tempo seja o da maturação das folhas em gavetas fechadas – tão benéfico a qualquer escrita – e não o do falecimento poético advindo da ascensão da *persona* literária, pois como sabemos: a vida passa, a obra fica.

## Referências:

ANTELO, Raul. "Não mais, nada mais, nunca mais. Poesia e tradição moderna". In.: *Poesia hoje*. Organização: Celia Pedrosa, Cláudia Matos e Evando Nascimento. Niterói: EDUFF, 1998, pp. 27-45.

GOMES, Deny. "Prefácio". In.: MOTTA, Valdo. *Eis o homem: poemas selecionados (1980-84)* Coleção Letras Capixabas. Vol. 30. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida - Universidade Federal do Espírito Santo, 1987, pp. 99-103.

MORICONI, Ítalo. "Pós-modernismo e volta do sublime na poesia brasileira" In.: *Poesia hoje*. Organização: Celia Pedrosa, Cláudia Matos e Evando Nascimento. Niterói: EDUFF, 1998, pp. 11-26.

MOTTA, Valdo. "Enrabando o capetinha ou o dia em que Eros se fodeu". In. *Mais poesia hoje*. Organização: Célia Pedrosa. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000. p. 59-76.

MOTTA, Valdo. *Bundo e outros poemas*. Coletânea reunindo poemas dos livros *Waw* e *Bundo*. Organização: Iumna Maria Simon e Berta Waldman. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

<sup>30</sup> Recentemente foi apresentada ao Mestrado de Estudos Literários da UFES dissertação sobre a obra poética de Waldo Motta, onde faz-se menção ao livro ainda não publicado chamado *Terra sem mal*. Cf. BERÇACO, Ériton Bernardes. *Exus, cus e ecos: a poética erótico-sagrada de Waldo Motta*. – 2008.

MOTTA, Valdo. *Eis o homem: poemas selecionados 1980/1984*. Coletânea. Vitória-ES: Fundação Ceciliano Abel de Almeida - Universidade Federal do Espírito Santo, 1987.

MOTTA, Valdo. *Transpaixão: coletânea*. Vitória: Kabungo, 1999.

MOTTA, Valdo. *Recanto - poema das 7 letras*. Vitória: Ímã, 2002.

NETO, Miguel Sanches. "Poesia e as subculturas do gosto". Em <http://www.revistaagulha.com.br/msanches13.html>. Acessado em 03/10/2006.

NEVES, Reinaldo Santos. *Mapa da Literatura Brasileira feita no Espírito Santo*. Disponível em <http://www.estacaocapixaba.com.br/texto/texto.php?id=223>, acessado em 21/10/2006.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *A modernidade nas letras capixabas*. Vitória: UFES – SPDC/FCAA, 1993.

RIBEIRO, Francisco Aurelio. *Literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica*. Vitória: Nemar, 1996.

SIMON, Iumna Maria. "Revelação e desencanto – os dois livros de Valdo Motta". In.: *Revista Praga (estudos marxistas)*. São Paulo: Hucitec, n. 7, p. 69-99, março 1999.

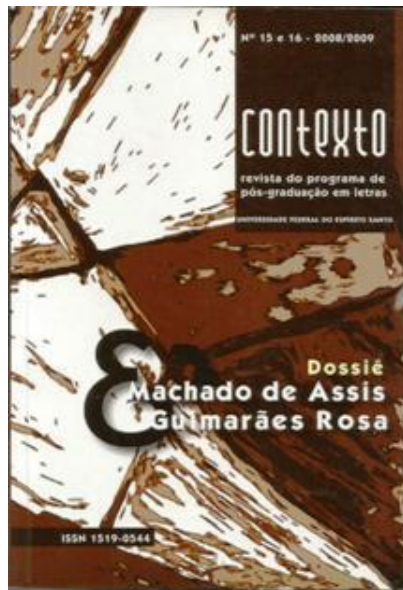
SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. 2ª ed. revista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

## Entrevista

"Um crítico na periferia do capitalismo - Entrevista com o ensaísta e crítico literário Roberto Schwarz". Por Luiz Henrique Lopes dos Santos e Mariluce Moura. In.: <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=3668>. Acessado em 03/10/2006.

## Site

<http://www.waldomotta.cjb.net/>



CLIQUE

WALDO MOTTA: POESIA, CRÍTICA E PROBLEMA

Rodrigo Leite Caldeira  
Ufa

**Resumo:** O objetivo deste artigo é fazer um mapeamento das zonas de tensões surgidas à luz da obra poética de Waldo Motta.  
**Palavras-chave:** Waldo Motta. Poesia. Crítica e interpretação.

**Abstract:** This article aims at mapping the tensions risen in light of the poetic work of Waldo Motta.

**Keywords:** Waldo Motta. Poetry. Criticism and interpretation.

Waldo<sup>3)</sup> Motta "é um problema literário. Imagino," temeroso em afirmar minha certeza, que esse plágio inicial, angústia de minha ignorância, seja o sustentáculo deste artigo, pois nele procurarei, a partir de uma leitura dialética entre os poemas waldianos e a fortuna crítica sobre eles, pontuar as zonas de tensões surgidas à luz de sua poética, que, como veremos, pela singularidade do tema anual se nos apresenta como um problema. Podemos dividir este problema em três fases investigadas aos seus livros da seguinte forma:

a) uma 1ª fase que vai do final dos anos 70 até o ano de 1984 com a publicação dos livros *Pano Rasgado* (1979), *Os Anjos Proscritos e Outros Poemas* (1980), em parceria com Wilbert R. Oliveira, *O Sino na Pile* (1981), *Óbiss de Arreio* (1982), *As peripécias do Coração* (1982) e *De São Chico* (1983), todos em edições autorais ainda vinculados à cultura dos anos 70 da poesia mimeógrafo, onde o problema aqui é da ordem da *substituição*, de uma literatura feita ao calor das emoções, sem o crivo necessário para consolidá-la. Faz-se poesia numa tentativa brusca de mudanças sociais, políticas e amorosas, utilizando-se da palavra apenas como um artefato de guerra, valendo muito mais o que se quis dizer<sup>4)</sup> do que como se disse, perdendo, deste modo, 55

Uso aqui a grafia que o autor utilizou na assinatura do seu último livro *Recomeço - poema da 7ª letra*. Vitória: Iesi, 2002. Pois como o mesmo aceita em seu *site* (<http://www.waldomotta.cb.net/>) assim o farei em suas próximas obras.

334 • Revista nº 15 e 16 - 2008/2009

Capa da *Contexto* e página inicial do artigo "Waldo Motta: poesia, crítica, problema", de Rodrigo Leite Caldeira.